

Daiani Cezimbra Severo Rossini Brumⁱ

Deise Battestinⁱⁱ

*P*alhaçaria hospitalar a partir de uma visão transpessoal

*H*ospital clowning from a transpersonal view

RESUMO

O presente trabalho possui um caráter bibliográfico, exploratório e experimental, e tem por objetivo investigar a atuação de palhaças e de palhaços em espaços hospitalares a partir de uma visão Transpessoal da Psicologia. Para tanto, além de uma revisão bibliográfica, trazemos uma perspectiva experiencial, uma vez que atuamos como palhaças em hospitais de Chapecó, junto ao grupo Doutores Risonhos (Chapecó, SC). Os espaços em que atuamos em 2019 foram: Hospital do Oeste Catarinense e Hospital da Criança. Ao descrever experiências no âmbito da palhaçaria hospitalar a partir de uma visão Transpessoal, buscamos investigar as aproximações e convergências entre as áreas das Artes Cênicas e da Saúde.

Palavras-chave: Palhaçaria; Psicologia Transpessoal; hospital

ABSTRACT

The present work has a bibliographic, exploratory and experimental character, and aims to investigate the role of clowns in hospital spaces from a Transpersonal view of Psychology. Therefore, in addition to a bibliographic review, we bring an experiential perspective, since we work as clowns in hospitals in Chapecó, together with the group Doutores Risonhos (Chapecó, SC). The spaces in which we operate in 2019 were: Hospital do Oeste Catarinense and Hospital da Criança. When describing experiences in the field of hospital clowning from a Transpersonal view, we seek to investigate the similarities and convergences between the areas of the Performing Arts and Health.

Keywords: Clown; Transpersonal Psychology; hospital.

Introdução

Um palhaço e uma criança se encontram [...] há aparelhos computadorizados e luzes que piscam, ligadas a um incontável número de fios que dão ritmo ao andar das pessoas que ali trabalham. O espaço da cama da criança delimita esse encontro. Envolta pelos lençóis arrumados dentro das grades que a protegem, a criança tem um desafio: viver. Ele está sendo cumprido no ritmo dos aparelhos, na velocidade dos homens e dentro do mistério da vida que habita seu pequeno corpo. O palhaço acredita na força dessa união. Acredita que brincar é a melhor forma de encontro e que este não tem tempo definido para acontecer: depende da intensidade dos olhares e da permissão para o jogo. E aqui o jogo já começou e nele é difícil dizer quem brinca com quem. É tão intenso que brincar, nesse cenário, é sinônimo de viver (Masetti, 1998, p. 14).

A descrição que inicia esse trabalho foi elaborada pela pesquisadora Morgana Masetti, a partir de suas observações sobre o trabalho de palhaças e de palhaços da Organização Não Governamental (ONG) Doutores da Alegria (desde 1991), a primeira Organização, no Brasil, a levar a atuação palhacesca profissional a hospitais. Optamos por trazer tal descrição no sentido de caracterizar o fenômeno da palhaçaria hospitalar, que aqui será abordado pelo viés da Psicologia Transpessoal.

De caráter bibliográfico, exploratório e experimental, esse artigo tem por objetivo investigar a atuação de palhaças e de palhaços em espaços hospitalares, partindo de uma visão que dialoga com uma visão transpessoal da psicologia. Para tanto, além de uma revisão bibliográfica, trazemos uma perspectiva experiencial, advinda de nossa atuação como palhaças em hospitais de Chapecó, junto ao grupo Doutores Risonhos. Essa experiência aconteceu entre janeiro e dezembro de 2019. Os espaços em que atuamos foram: Hospital do Oeste Catarinense e Hospital da Criança. Ao descrever experiências no âmbito da palhaçaria hospitalar por um viés

transpessoal buscamos investigar as aproximações e convergências entre essas áreas do conhecimento.

Quais são as possibilidades de aproximação entre a psicologia transpessoal e a palhaçaria hospitalar? Que contribuições a palhaçaria traz nas pesquisas sobre a experiência humana em unidade com o mundo e a valorização de seus aspectos saudáveis e positivos no contexto hospitalar? No intuito de dialogar com essas questões, trazemos autoras e autores no âmbito da palhaçaria hospitalar, tais como Daiani Brum (2017; 2019), Morgana Masetti (2003; 2013), Antônio Sena (2011), Ana Achcar (2007). Valemo-nos, ainda, de bibliografias no âmbito da psicologia transpessoal, são elas: Parizi (2005), Walsh e Vaughan (1997), Crema (2017), Pierrakos (2007) e Weil (2011).

A partir dessas investigações, diálogos e aproximações, pretendemos valorizar a atuação palhacesca hospitalar como uma prática que conflui para o bem-estar, fornecendo ferramentas para o autocuidado, abertura do olhar e da escuta para o momento presente e para a presença na totalidade de cada momento.

A psicologia transpessoal

A psicologia transpessoal teve como figura central em seu surgimento, na década de 1970, Abraham Maslow. Questionando aquilo que chamou de “duas forças” maioritárias no âmbito da psicologia do século

vinte, são elas, o behaviorismo e a psicanálise, o autor propôs uma “terceira força”:

A partir dessas críticas aos movimentos dominantes na psicologia norte-americana, Maslow propôs o que chamou de “terceira força da psicologia”, a psicologia humanista, que se propunha a 1) concentrar-se na experiência humana, abandonando a pesquisa com animais; 2) enfatizar que as experiências interiores dos seres humanos são tão ou mais importantes que seus comportamentos observáveis (embora esses não possam ser desprezados); 3) determinar o que é o ser humano saudável e estudar seus aspectos positivos: felicidade, paz de espírito, êxtase; 4) estudar os seres humanos como organismos integrais, que não podem ser divididos em partes para facilitar a observação; e 5) entender a “auto-realização” (Parizi, 2005, p. 112).

Os pensamentos sobre a ‘autorrealização’ são centrais nos diálogos propostos Maslow, e, segundo o pesquisador Vicente Parizi, implicam no:

[...] desenvolvimento máximo dos potenciais de cada ser humano. Para ele (Maslow), todo ser humano nasce com um enorme potencial (o mesmo para todo ser saudável definido como em pleno funcionamento de seu organismo físico e mental), que deve ser “trabalhado” durante toda a vida ativa de cada indivíduo de modo a ser “realizado”, ou seja, desvelado, revelado, deixando de ser um potencial para tornar-se um recurso criativo disponível para uso (essa ideia levou a psicologia humanista a também ser conhecida como movimento do potencial humano) (Parizi, 2005, p. 112).

Essa visão requer um diálogo entre a ciência e a espiritualidade, a subjetividade, a criatividade, a expressão, a arte. Nessa percepção, o mundo é concebido com um engajamento energético em fluxo, território para o desenvolvimento das potências internas e externas de cada ser: uma unidade. Deste modo, para Maslow, transpessoal seria:

[...] um domínio que contém a atualização do ser, mas vai além, atingindo o reino da transcendência. Esse nível supremo é tão

importante que aqui já não se pode mais falar de desejos ou motivações, mas metanecessidades ou metamotivações (metaneeds), a necessidade humana de atingir e viver na verdade, beleza ou transcendência (Parizi, 2005, p. 113).

A psicologia transpessoal destaca-se como a primeira corrente psicológica que se propôs a dialogar com a espiritualidade. Maslow, a partir desses pensamentos, “[...] delineou nova abordagem psicológica, cuja ênfase estaria nesse patamar transcendente do ser humano.” (Parizi, 2005, p. 113).

O pesquisador Stan Grof (2000) apresenta contribuições acerca da expansão da cartografia da consciência, além de aspectos relativos ao inconsciente pessoal e ao inconsciente coletivo. Em Grof há o aporte em uma mudança de paradigma na compreensão da consciência, do inconsciente e dos sonhos. No Brasil há os trabalhos de Pierre Weil (Cosmodrama) e Leo Mattos (teoria baseada na psicologia Tibetana), primeiros autores no país a produzirem bibliografias sobre a psicologia transpessoal. Há também, no país, a Abordagem Integrativa Transpessoal, de Vera Saldanha, entre outros trabalhos e abordagens metodológicas.

Transpessoal trata-se de uma experiência que, segundo Walsh e Vaughan, pode ser delineada como “[...] aquela em que o senso de identidade ou do eu ultrapassa (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal a fim de abarcar aspectos da humanidade, da vida, da psique e do cosmo.” (Walsh; Vaughan, 1997, p. 17).

A psicologia transpessoal, desse modo, surge, nesse trabalho, como alternativa unificadora na compreensão da existência humana no âmbito da

palhaçaria hospitalar, elegendo como proposta a observação e reflexão de experiências vivenciadas nesse contexto.

A atuação palhacesca hospitalar

Para melhor situar o contexto sobre o qual se desenvolve esse artigo, trazemos uma colocação da pesquisadora Denise de Sant'Anna sobre o espaço hospitalar:

O hospital é certamente um lugar de extremos, mas, dentro dele, há uma busca constante da "boa dose", do comedimento entre medidas radicais, entre os limites da vida e da morte. Trata-se, em suma, de um lugar repleto de experiências difíceis de filmar ou representar, pois elas emergem entre a ficção e a realidade, entre a guerra e a paz, entre a audácia e o medo de errar. Afinal, é entre os extremos, e não apenas diante de suas pontas vertiginosas, que se joga boa parte do destino humano (Sant'anna, 2011, p. 20).

No teatro ou no circo, locais onde as figuras palhacescas são frequentemente encontradas, suas presenças são organizadas em um caráter espetacular, onde elas têm por intuito apresentar suas técnicas artísticas e habilidades no contexto da palhaçaria. No hospital a atuação palhacesca é delineada pela fusão das técnicas e habilidades com a abertura para as sensibilidades e necessidades de cada instante de encontro, por vezes extremas e em diálogo com as fronteiras entre a vida e a morte (Brum, 2017).

A atuação de palhaças e de palhaços em contextos hospitalares no Brasil teve seu início no ano de 1991 quando Wellington Nogueira fundou a Organização Não Governamental (ONG) Doutores da Alegria, atualmente

uma das mais completas instituições do mundo no tocante a pesquisa, atuação e formação em palhaçaria hospitalar (Brum, 2017). A ONG recebeu:

[...] o prêmio Universidade de São Paulo de Direitos Humanos em 2005, o Stockholm Partnerships Award em 2002, o Prêmio Camargo Correa em 2004, e o Prêmio de Dubai, outorgado pela Divisão Habitat da Organização das Nações Unidas (ONU), que os classificou entre as 40 melhores práticas sociais do mundo, colocando os Doutores da Alegria na lista das 100 melhores práticas globais em 1998 e 2000 (Sena, 2011, p. 34).

O trabalho trazido ao Brasil por Wellington Nogueira difundiu-se, sendo que atualmente somam-se centenas de grupos e de organizações atuam com a palhaçaria em contextos hospitalares no país. Os Doutores da Alegria realizam eventos formativos e encontros organizativos de caráter nacional e internacional entre outros grupos e organizações, sendo importantes agentes no fomento da atuação palhacesca hospitalar brasileira.

Dentre esses grupos inspirados na iniciativa dos Doutores da Alegria, está o Grupo Doutores Risonhos (Chapecó, SC), onde atuamos em 2019 como palhaças. O grupo nasceu em 2013 sob a coordenação de Michelle Silveira e Vinícius Bouckhardt, e tem por objetivo levar a atuação profissional e aprendiz de palhaças e palhaços para hospitais de Chapecó.

Os hospitais atendidos pelo grupo são: o Hospital da Criança de Chapecó (HC) e o Hospital Regional do Oeste Catarinense (HRO), sendo que o primeiro é visitado pelas palhaças e palhaços em sua totalidade, e o segundo possui atendimento palhacesco nos setores de quimioterapia,

oncologia, maternidade, ortopedia, radiologia, unidade de tratamentos intensivos (U.T.I), entre outros.

As visitas aconteceram em duplas de palhaças e palhaços, tendo a duração média de quatro horas em cada dia, sendo que as palhaças e palhaços profissionais atuam duas vezes por semana, enquanto que aprendizes atuam semanalmente. O trabalho no grupo também incluiu momentos de treinamento, cursos e formações nas áreas da Arte, da Saúde e da inclusão, e atendimentos psicológicos coletivos. A partir da pesquisa o contexto da palhaçaria hospitalar, então, vivenciamos a palhaça Doutora Margarida, vista na Figura 1, e a palhaça Doutora Brum, vista na figura 2:



Figura 1. Doutora Margarida. Chapecó, 2019. Foto do acervo digital Doutores Risonhos. Fonte: <<http://doutoresrisonhos.blogspot.com/p/sobre-o-projeto.html>> Acesso em: 09/07/2019.



Figura 2. Doutora Brum. Chapecó, 2019. Fotodo acervo digital Doutores Risonhos. Fonte: <<http://doutoresrisonhos.blogspot.com/p/sobre-o-projeto.html>> Acesso em: 09/07/2019.

A palhaçaria, em nossa percepção, além da pesquisa nos espaços coletivos e artísticos, trata-se de uma investigação pessoal, de uma autotransformação (Pierrakos, 2007), de mais um caminho que se abre em minha 'arte de viver' (Weil, 2011), o que nos motivou a estabelecer diálogos com a Psicologia Transpessoal.

Diálogos entre uma visão transpessoal e a palhaçaria hospitalar

Como a palhaça Doutora Margarida eu vivencio situações que me colocam em unidade com o espaço e com as pessoas que transitam nos corredores hospitalares, sendo atravessada pela necessidade de desenvolver uma escuta e entrosamento com as situações e encontros que me interpelam enquanto indivíduo em conexão com o todo. Eu, por outro lado, como a palhaça Doutora Brum, me proponho a negociar com a realidade, transformando-a através do filtro da palhaçaria, isto é, a intervir no mundo por meio do riso. A palhaçaria hospitalar me convida a um constante estado de atenção dos sentidos, prontos para ler as possibilidades palhacescas de cada momento.

Acreditamos que esses pensamentos confluem com a colocação da pesquisadora Morgana Masetti, segundo a qual, “[...] o sorriso resultante do encontro com o palhaço revela que, de alguma forma, o paciente percorreu seu sofrimento e suas dificuldades e pode transformá-las.” (Masetti, 2003, p.50).

A transformação do mundo ao redor, quando desencadeada por uma figura palhacesca, tem a sua força no envolvimento das pessoas que compõem os espaços hospitalares, e é a partir de suas proposições e necessidades imediatas que há uma abertura para que esses mundos sejam reconfigurados. Tal como afirma o pesquisador Roberto Crema: “Mudar o mundo é abrir o olhar, é habitar a Presença, é escutar o Instante, é despertar no Processo. Mudar o mundo é mudar o olhar, é ampliar a escuta, é renovar

o pensar e o imaginar... agora.” (Crema, 2017, p. 77). Os quartos, corredores, enfermarias, salas de espera e os múltiplos espaços que se apresentam no contexto hospitalar, e que se reconfiguram a cada instante, trazem a necessidade de uma abertura no olhar, na escuta e nos demais sentidos e sensibilidades como maneira de vivenciar a totalidade do ser em cada momento presente, aproximando-se da psicologia transpessoal.

Essa necessidade de abertura para o presente fica evidente no discurso, ainda, da palhaça Luciana Viacava, que em entrevista cedida para a pesquisadora Daiani Brum, afirma que:

O hospital é um ambiente extremamente delicado, por isso o artista/palhaço tem que ter em mente que mais importante é saber ouvir o outro e não querer impor sua presença a qualquer custo. Muitas vezes você tem que abrir mão de uma bela gague, de uma habilidade ou de uma piada incrível, pois a situação pede outra coisa (Viacava, 2015 in Brum, 2019, p. 227).

Muitas vezes trocar um abraço entre pessoas desconhecidas, aproximadas pela abertura palhacesca ao encontro, tem mais potência do que a demonstração de uma cena ou habilidade ensaiada. Assim como, em outros momentos, é a técnica ou habilidade que faz uma conexão imediata com as pessoas do contexto hospitalar, como por exemplo, a execução de uma música, mágica, técnica corporal ou circense que convida o espectador a conhecer melhor aquela figura que tanto destoa do contexto hospitalar, e que ao mesmo tempo se agrega a ele de maneira naturalmente peculiar.

Indo ao encontro de pessoas em situação de vulnerabilidade, as figuras palhacescas se deparam com situações que exigem a atenção para a totalidade dos momentos. Os princípios da ‘terceira força’ na psicologia, proposta por Maslow, isto é, a valorização da experiência humana, inclusive

das interiores, a investigação dos aspectos positivos e daquilo que é saudável no ser humano, valorizando-o como organismo integral e a busca pelo sentido prático da auto-realização (Maslow in Parizi, 2005), são passíveis, aqui, de aproximação com a palhaçaria no contexto hospitalar, cujo tecido pode ser perpassado por essas mesmas forças.

Em momentos de atuação palhacesca hospitalar, fazemos uma leitura do ambiente, amparando-nos em fatos, detalhes no vestuário, objetos, trejeitos, mobilidades, estado físico, ações, estado de humor, disponibilidade, vontade de interagir, entre outros, no sentido de criar uma conexão cênica em tempo real com as espectadoras e espectadores. Essas leituras do momento presente podem ser mescladas, ou não, com piadas e repertórios anteriormente elaborados, dependendo das possibilidades e demandas de cada encontro. A atenção no olhar, na escuta e nos demais sentidos direciona a potencialização da expressão de cada indivíduo por meio daquilo que é positivo e saudável.

O palhaço Heraldo Firmino, dos Doutores da Alegria, afirma que o trabalho ao longo de quase quinze anos como palhaço no hospital: “[...] aprimorou muito a minha sensibilidade, minha escuta, meu olhar para o que está do lado, para fazer pequeno, não fazer coisas desnecessárias, por respeitar o outro, respeitar seu espaço.” (Firmino, 2015 in Brum, 2017, p. 96).

Essas transformações práticas no dia-a-dia do artista apontam para vivências saudáveis e de autorealização, assim como o trabalho sobre si no sentido de valorizar os aspectos saudáveis e positivos de sua existência em

contato com a totalidade do mundo, e podem ser relacionadas com os princípios da psicologia transpessoal.

A palhaçaria no hospital pede, ainda, a composição de um espaço comum entre as pessoas que interpelam e que são interpeladas pela ação palhacesca, buscando promover a realização de cada potência humana que se coloca em situação de encontro com as artes cênicas. Cada encontro traz novas possibilidades de existência, novas experiências artísticas e humanas.

A seguir, na Figura 2, por exemplo, podemos observar um momento em que o cotidiano das funcionárias e dos funcionários do setor de Ortopedia do Hospital Regional do Oeste é interpelado pela ação palhacesca:



Figura 2. Doutorras Margarida e Barrica e equipe ortopedia (XXXX e Michelle Silveira). Chapecó, 2019. Foto do acervo digital Doutores Risonhos. Fonte: <<http://doutoresrisonhos.blogspot.com>>Acesso em: 09/07/2019.

No momento em que a foto foi registrada estávamos Doutora Barrica e eu, Doutora Margarida, andando despreocupadamente pelo setor

de ortopedia quando fomos abordadas pelas brincadeiras de algumas pessoas da equipe. Em clima de descontração, e sem a nossa sugestão, organizaram-se para as fotografias, deixando por um segundo a realidade imediata de seus postos de trabalho, e se permitindo brincar, abraçar e fazer piadas com as palhaças. Esse momento ficou registrado como uma importante troca e aprofundamento na relação com aquelas pessoas com que me encontro periodicamente.

Para Eva Pierrakos, “Na vida saudável de todo o ser humano deve haver troca, intimidade, comunicação, partilha, amor mútuo, prazer mútuo, o dar e o receber afeto e abertura.” (Pierrakos, 2007, p. 31). No contexto da atuação palhacesca essas necessidades são potencializadas a partir da abertura para o encontro no momento presente, como exposto anteriormente, uma das principais características dessa modalidade de atuação cênica. A ampliação da escuta e do olhar, isto é, a presença, permite que, além de gerar rupturas na rigidez do cotidiano, “[...] alcancemos um máximo de felicidade através do desenvolvimento das potências inerentes a cada um, que vivamos uma vida construtiva e que estabeleçamos relações humanas frutíferas.” (Pierrakos, 2007, p. 31).

Ao refletir sobre a presença no cotidiano, o pesquisador Pierre Weil afirma que “A plenitude no cotidiano consiste em viver intensamente e realizar o pleno potencial energético cultivando a presença.” (Weil, 2011, p. 90). Essa colocação pode ser observada através de uma perspectiva

palhacesca, fundada no encontro em contextos hospitalares cotidianos e em suas reconfigurações por meio da presença de cada artista e espectador.

Em concordância com esse pensamento, faço uma aproximação com o estudo de Morgana Masetti, psicóloga e diretora de pesquisa da ONG Doutores da Alegria. Refletindo sobre a atuação palhacesca hospitalar a autora cria o conceito de “ética do encontro”, descrito a seguir:

O palhaço incorpora os fatos recusados ou pouco falados ao momento, favorecendo a possibilidade de lidar com eventos geradores de tensão. Ele ajuda a lidar com a vulnerabilidade da condição humana, em um ambiente onde se exige a perfeição, com isso favorece a expressão de conflitos e dificuldades. Levamos a entrar em contato direto com nossos sentimentos, sem análises. Desse modo, estimula a capacidade de experimentarmos nossas emoções e aceitarmos diferentes possibilidades de reações, expandindo os limites de nossos comportamentos. Sua ação ensina que nada persiste e favorece nossa ligação com o acontecimento presente. Através desta filosofia de ação o palhaço propõe uma ética de encontro (Masetti, 2013, p. 12).

Masetti coloca que seu objetivo foi “Pensar na ética das relações como fonte de aprendizado, onde os afetos e o corpo são lugares importantes de aprendizado.” (MASETTI, 2013, p. 12). Esses aprendizados se dão, desde o cuidadoso preparo para a presença no contexto hospitalar, como por exemplo, na prática com habilidades e técnicas, até os momentos de encontro com as espectadoras e espectadores, que muitas vezes tornam-se protagonistas das ações cênicas. Esse movimento, como destaca a pesquisadora Ana Achcar, exige distância e aproximação:

A ação do palhaço de hospital é audaciosa, arriscada e difícil; porque para que ele atinja seus objetivos é preciso que ele se coloque próximo ao seu público e nesse sentido, que ele esteja intimamente bem disponível para o contato com o outro. Ao mesmo tempo em que é necessária a proximidade, o palhaço é

uma máscara e precisa tomar certa distância para não se misturar às figuras cotidianas, para não se tornar familiar; e conservar a característica de ser fora do comum. A formação é indispensável porque possibilita ao estudante / palhaço fazer o exercício de se aproximar e de se distanciar sem perder a qualidade artística da forma e do conteúdo de sua ação (Achcar, 2007, p.192).

A palhaçaria hospitalar, desse modo, abarca um contínuo movimento entre as tênues bordas da proximidade e do distanciamento, da individualidade e da totalidade, da realidade e da fantasia, do carnal e do espiritual, da urgência e da calma. Essas bordas fundem-se e não são de precisa demarcação, uma vez que fazem parte da existência como um todo, manifestando-se sucessiva e de modo sobreposto a cada instante. Trata-se de um treinamento de si nos âmbitos artísticos, subjetivos, sociais e espirituais na investigação de uma abertura do olhar e da escuta para o presente, para a presença em cada momento: para a compreensão do ser humano em sua totalidade.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar a atuação de palhaças e de palhaços em espaços hospitalares, a partir de um diálogo com a psicologia transpessoal, esse artigo buscou trazer contextualizações, descrições e investigações sobre os dois fenômenos abordados, bem como discorrer sobre suas possíveis aproximações.

A revisão bibliográfica realizada em confluência com a reflexão sobre experiências práticas como palhaças no contexto hospitalar nos permitiu obter uma percepção, para além de teórica, corpórea. De modo que, antes de apontar respostas, buscamos compartilhar um pouco de

experiências, assim como levantar novos questionamentos, em processo similar ao fluxo evolutivo do ser humano no mundo, sempre passível às transformações.

A teoria da psicologia transpessoal demonstrou-se, em minhas investigações, dialogar com a prática da palhaçaria hospitalar, sobretudo, como colocado anteriormente, no tocante aos conceitos de autorealização; valorização dos aspectos saudáveis do ser humano, bem como os positivos e de realização de suas potencialidades; abertura da escuta, do olhar e dos demais sentidos para cada momento de encontro: estar presente; totalidade do ser humano e valorização de suas experiências internas e externas.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou aproximar as investigações palhacescas e hospitalares às teorias da psicologia transpessoal, identificando possíveis pontos de convergência entre essas práticas, em um processo de fusão da arte com a vida na totalidade do mundo.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, A. **Palhaço de hospital**: uma proposta metodológica de formação. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em Teatro). Centro de Letras e Artes, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007.

BRUM, D. C. **A atuação de palhaças e de palhaços**: o hospital como palco de encontros. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Artes Cênicas, Centro de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

BRUM, D. C. (2019). **A palhaçaria hospitalar como conjunto de técnicas e sensibilidades**: entrevista com Luciana Viacava. *OuvirOUver*, 15(1), 220-230.

CREMA, R. **O poder do encontro**: origem do cuidado. São Paulo: Tumiak Produções; Instituto Arapoty; Unipaz, 2017.

GROF, S. **Psicologia do futuro**. Lições das pesquisas modernas da consciência. São Paulo: Heresis; 2000.

MASETTI, M. **Boas misturas**: a ética da alegria no contexto hospitalar. São Paulo: Palas Atenas, 2003.

MASETTI, M. **Por uma ética do encontro**: a influência da atuação de palhaços profissionais na ação dos profissionais de saúde. *Indagatio Didactica: Centro de investigação em didáctica e tecnologia na formação e formadores*, Portugal, Avero, v. 5, n. 2, p.912-925, jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2499/2367>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MASETTI, M. **Soluções de palhaços**: transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MASLOW, A. H. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca; [s.d.].

PIERRAKOS, E. **O caminho da autotransformação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

SANT'ANNA, D. **Guerra e paz: alguns cenários da vida hospitalar**. São Paulo, 2011. In: MOTT, Maria Lucia e SANGLARD, Gisele. História da saúde em São Paulo – Instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). São Paulo: Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2011.

SENA, A. **Doutores da Alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida**. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

WALSH, R.; VAUGHAN, F. **Além do Ego: Dimensões Transpessoais em Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1997.

WEIL, P. **A arte de viver a vida**. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: Editora Diálogos do Ser, 2011.

NOTAS

ⁱ Palhaça e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT/UDESC), Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017), bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (2012). Formou-se em palhaçaria na Escola de Palhaços dos Doutores da Alegria, no curso de Formação de Palhaços para Jovens (2014). Dedicou-se à atuação palhacesca hospitalar junto ao grupo Doutores Risonhos (Chapecó, SC, 2019), à criação artística autoral com a Cia Lunáticas de Palhaças (Florianópolis, SC, 2018-2020), às ações artísticas, teóricas, formativas e de pesquisa na área de Artes Cênicas. Tem experiência em interpretação teatral, máscaras, iluminação cênica, pesquisa e palhaçaria com ênfase na atuação de mulheres e nas poéticas dos contextos hospitalares.

ⁱⁱ Bacharel em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda na Universidade Comunitária Regional De Chapecó, no estado de Santa Catarina, em 2008. Realizou a Formação Transdisciplinar em Holística na Unipaz em Florianópolis. Participou do Curso de iniciação à palhaçaria através do Programa Arte Cidadã em Chapecó, entre os anos de 2012 e 2013, e da Oficina de Palhaçaria do grupo Doutores Risonhos (Chapecó), na Universidade do Oeste de Santa Catarina em 2018. Atualmente é aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal da Unipaz de Florianópolis, e atua como Palhaça Aprendiz no Projeto Doutores Risonhos, grupo de palhaças e palhaços profissionais e aprendizes que atuam em contextos hospitalares.



ISSN 2358-6060

DOI: [https://doi.org/ 10.5216/ac.v6i1.63548](https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.63548)

Submissão: 21/05/2020

Aceite: 27/07/2020